

"FOI UMA OPERAÇÃO CRISTALINA"

■ Por que o deputado João Alves era o homem forte do Orçamento?

— Porque até 1988 a Comissão de orçamento tinha uma função apenas homologatória e por isso não despertava o interesse dos parlamentares. Não existiam atrativos para os cargos.

■ Como o senhor explica os três cheques depositados na conta do deputado Ibsen Pinheiro em 28/06/89?

— O tempo dificulta a precisão da resposta. Mas foi a compra de um consórcio de uma camionete F-1000, do então deputado Ivo Mainardi, para a campanha do deputado Ulysses Guimarães à Presidência da República, em 1989.

■ Por que três cheques, sacados do Banco Cidade, do mesmo valor, foram depositados no mesmo dia na conta do deputado Ibsen Pinheiro?

— Nessa operação cristalina, com cheque nominal, o montante só se completaria no dia 29. Os cheques deveriam ser depositados em datas diferentes. O terceiro cheque se referia à correção inflacionária.

■ Quer dizer que o senhor admite que passou cheque sem cobertura?

— O cheque tem data de 28 e foi descontado no dia 29. Nesse dia foi para a CEF e no dia seguinte liquidados pela compensação.

■ O senhor tem documentos que comprovam a transação?

— Não tenho, mas o Ibsen tem. Quero esclarecer que o negócio foi desfeito porque quando a caminhonete nos foi entregue já estávamos no final da campanha.

■ O senhor tem os documentos então do distrato?

— Acredito que o distrato deve estar documentado.

■ Como explica os depósitos feitos em sua conta nos últimos cinco anos, no valor de US\$ 1,665 milhão?

— Estes recursos se referem a contribuições para as minhas campanhas feitas por amigos e pessoas jurídicas. Só há três caminhos para fazer isso no Brasil: por meio de tesoureiro de campanha contratado, fantasmas ou de movimento na própria conta. Escolhi o menos esperto.

■ Quem são estes amigos, são empreiteiros?

— Assumi a responsabilidade sabendo dos riscos que corro, mas não vou expor meus amigos citando os seus nomes. Não tenho direito e não farei jamais isso porque seria uma indignidade da minha parte.

■ O senhor apresentou emendas beneficiando a empreiteira Concic, do seu amigo Evandro Daltro?

— Só apresentei emendas para obras em andamento, que já tinham as empreiteiras escolhidas.

■ Como é que o senhor explica depósitos volumosos em suas contas mesmo em meses de anos em que não houve eleições, como junho e julho de 1989?

— Porque meu nome chegou a ser cogitado para ser lançado a candidato a candidato a governador da Bahia e campanha para governo de Estado exige uma estruturação melhor e mais demorada.

■ O senhor tem como comprovar que os gastos feitos com o dinheiro que recebeu de doações foram realmente em campanha?

— Não posso ter documentos de 1989 se estamos em 1993.

■ O senhor já recebeu algum cheque do deputado João Alves?

(longo silêncio) — Não me consta... estas coisas...

■ Qual a opinião do senhor sobre o José Carlos Alves dos Santos?

— Não quero emitir juízo de valor sobre ele. Conheci duas pessoas diferentes. No Orçamento, era servidor preparado; depois, tomei informação de uma pessoa envolvida em assassinato, desvio de comportamento pessoal.

■ De quanto é a mensalidade do apartamento de Salvador?

— A última prestação foi de cerca de US\$ 1 mil.

■ É lícito usar a sobra de campanha?

— Depende do senso ético de cada um.